

OLIVEIRA, Silvério da Costa. *Os filósofos pré-socráticos: Uma releitura crítica*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2011. 9 p. Disponível em: <www.doutorsilverio.com>. Acesso em:



Sobre o autor

Silvério da Costa Oliveira é Doutor – Ph.D. e Mestre em Psicologia; Psicólogo, Bacharel em Psicologia, Bacharel em Filosofia, possui a Licenciatura Plena em Psicologia e a Licenciatura Plena em Filosofia, possui a Licenciatura pelo MEC em História e Sociologia, autor de vários livros e artigos, conferencista. Sua formação está estruturada sobre três pilares: a Filosofia, a História e a Psicologia.

Título: Os filósofos pré-socráticos: Uma re-leitura crítica

Tema: Argumentações críticas; filosofia

Autor: Silvério da Costa Oliveira.

Palavras chaves

Filosofia; pré-socráticos

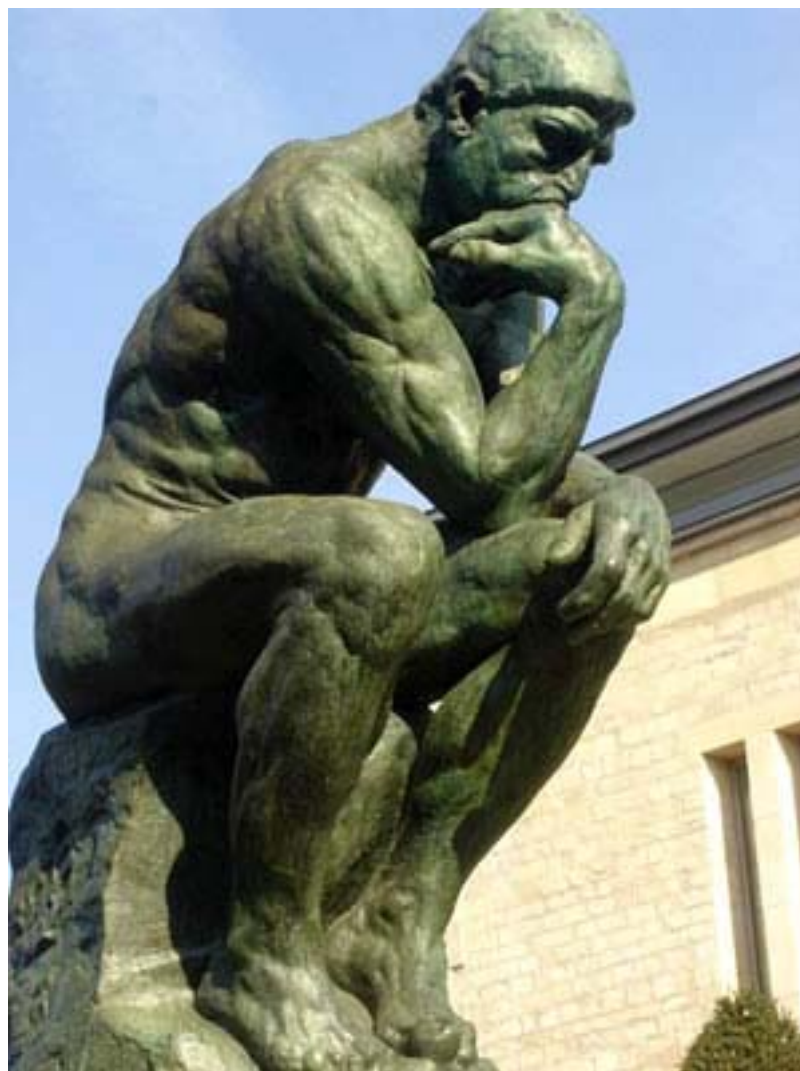
Resumo do texto

Neste artigo aborda-se de modo crítico os assim chamados filósofos pré-socráticos, com destaque para: Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Xenófanes de Colofón, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Parmênides de Elea, Zenão de Elea, Empédocles de Acragas, Filolau de Crotona, Anaxágoras de Clazomene, Arquélau de Atenas, Melisso de Samos, Leucipo de Mileto, Demócrito de Abdera e Diógenes de Apolônia. Discorre-se sobre o interesse primário destes filósofos, voltado para a formação do mundo e do universo, uma tendência cosmológica que busca a explicação da totalidade do mundo exterior, deixando em segundo plano a discussão da problemática humana. Coube a estes filósofos o rompimento com a explicação mítica então reinante, de origem religiosa e popular, sobre o mundo e a Natureza, buscando por meio de suas filosofias uma explicação racional para o mundo circundante, por tal motivo passaram a ser também conhecidos como filósofos da Natureza ou físicos (no sentido de “physis”).

Por: Silvério da Costa Oliveira.

Este artigo não se propõe a ser um texto explicativo ou introdutório aos filósofos pré-socráticos, muito pelo contrário, a proposta é argumentar filosoficamente a partir das contribuições destes pensadores, ressaltando os seus pontos fortes nas implicações sobre nossa forma de pensar e entender o mundo. Trata-se de um texto de autoria onde busca-se fazer filosofia e não história da filosofia.

Todos os povos em todas as épocas apresentam explicações para perguntas pertinentes à vida e a morte, a criação do mundo conhecido, os fenômenos da natureza, as mudanças climáticas e o sentido de nossa existência. É normal que tais explicações venham envoltas no mítico, na fabulação e no maravilhoso, associadas a deuses, semi-deuses e crenças religiosas. Podemos, inclusive, buscar os precursores de idéias filosóficas em cosmogonias religiosas e populares.



Um marco, no entanto, deve ser dado a um momento histórico em particular, refiro-me especificamente ao VII século a.C. quando um homem proveniente da cidade de Mileto inaugura

o saber filosófico ao buscar por meio da razão uma explicação baseada em um princípio (arché) único, entendendo que há unicidade na pluralidade, pois, tudo teria sua origem em uma substância única e primordial e a esta retornaria. Ao postular a existência de um elemento e princípio primeiro de todas as coisas e nomeá-lo como sendo a água, Tales de Mileto rompe em parte com a tradição mítica anterior e cria uma nova forma de se colocar diante da natureza, apoiando seu saber na razão e na tentativa de um entendimento racional sobre o tema, afastando-se do meramente mítico e fabuloso e de explicações que envolvam criaturas fantásticas e fabulosas. Por haver um princípio material único presente em tudo, identificado como sendo a água, pode-se afirmar que “todas as coisas estão cheias de deuses”, pois todas estão penetradas pelo princípio da vida.

Anaximandro de Mileto além de prosseguir na tradição inaugurada por Tales ao abandonar formulações míticas, nos proporciona pela primeira vez na história uma tentativa racional de explicar de modo compreensivo e detalhado todos os diversos aspectos do mundo e da experiência humana. Não mais na água encontramos o princípio material ou substância originária de todas as coisas, mas sim no ápeiron (infinito, ilimitado, indeterminado), o indefinido. A causa do nascimento e destruição do mundo se encontraria totalmente contida na idéia de ápeiron. Uma idéia central que pode ser obtida por meio da leitura deste autor é que o mundo e nossa realidade se forma e mantêm-se por meio de um equilíbrio entre forças contrárias. O tempo se apresenta como o grande juiz que permite a alternância entre os contrários, de modo que ao priorizar um, o outro, seu oposto, venha também a ocupar o seu espaço, destronando o primeiro e assim sucessivamente, de modo que a um contrário siga o outro em infinita alternância (ao frio do inverno teremos o calor do verão para se contrapor).

Já por sua vez Anaxímenes de Mileto encontra seu princípio material no elemento ar, em tudo presente, de tudo origem e ao qual tudo retornará. O ar infinito se apresenta como substância primordial onde tudo tem origem, por condensação e por rarefação. O movimento é apresentado como eterno e por meio do qual temos a presença da mudança.

Constitui um marco para a humanidade o desenvolvimento de um pensamento que afirme um único princípio material nos colocando diante de um grande avanço para a explicação sistemática da realidade, idéia esta presente inicialmente em pensadores Jonios, tal o caso de Tales, Anaximandro e Anaxímenes.

Já por sua vez Xenófanés (ou Jenófanés) de Colofón traz a filosofia para o campo da reforma religiosa ao criticar veementemente as representações religiosas dos deuses nas diversas religiões e povos, afirma que existe uma só divindade, um deus único e não antropomórfico. Cabe a Xenófanés o mérito de ser o primeiro filósofo a postular a unidade, ao afirmar que todas as coisas, em verdade, são uma só. Xenófanés é considerado pela tradição como sendo o mestre de Parmênides (apesar das diferenças inegáveis entre as concepções filosóficas de ambos, incluso sobre o Ser) e argumenta ser o princípio uno, sendo que tudo o que existe é uma só coisa, não sendo limitado, ilimitado ou móvel. Argumenta contra a imoralidade dos costumes entre os deuses de Homero e Hesíodo, não sendo cabível que os deuses sejam semelhantes aos seres humanos, seja em aparência externa ou no modo de comportarem-se. Se outros animais, como, por exemplo, bois, cavalos e leões, fossem capazes de produzir culto de adoração a deuses, estes os fariam iguais a si, com corpo semelhante a si próprios. Xenófanés nos traz a necessidade filosófica de uma visão crítica sobre as religiões e deuses e sobre o saber obtido por algum tipo de “revelação” mística religiosa.

Heráclito de Éfeso, considerado enigmático e obscuro em sua época, nos põe diante do movimento e da mudança constante de todas as coisas, pois, todas as coisas fluem. Destaca o logos (expressão da coerência subjacente em todas as coisas e elemento de ordenação das mesmas) e o fogo (co-extensivo com o logos, este enquanto constitutivo real e o fogo enquanto constitutivo

cósmico primário das coisas). Há uma unidade essencial em todos os opostos e esta fórmula ou plano unificador é proporcionado pelo logos. Os opostos interagem entre si equilibradamente em meio à mudança e movimento constante, havendo, abaixo da superfície aparente, uma unidade de todas as coisas. Da mesma forma que no arco tensionado com a flecha e na lira tocada, há uma harmonia invisível, presente mas oculta, de modo que de todas as coisas tomadas em conjunto (referindo-se aqui aos opostos) temos a formação da unidade. Trata-se de um equilíbrio dinâmico entre forças opostas que mantêm a coesão de todo o cosmos. Heráclito nos apresenta a imagem de um rio com suas águas correntes, pois, quando alguém entra em um rio, o rio continua sendo o mesmo (unidade do todo) se bem que a água seja continuamente substituída (mudança e movimento) em um fluxo contínuo, a esta imagem na qual o rio encontra-se em constante mudança, pois suas águas são sempre novas, temos uma modificação efetuada por Crátilo, segundo a qual uma pessoa não poderia entrar em um rio sequer uma única vez, pois, tanto o rio como a própria pessoa estão em contínua mudança. O todo pode aparentar continuar sendo o mesmo, como ocorre com o rio e com o mundo, apesar de todas as suas partes estarem sofrendo constantes mudanças.

Cabe a Heráclito a idéia da permanente unidade do Ser, frente à pluralidade e mutabilidade de todas as coisas, por meio do logos, que nos proporciona uma harmonia resultante da constante tensão entre os opostos. O pensamento filosófico de Heráclito com relação à mudança e o movimento expresso na imagem de que um homem não pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já teria mudado, uma vez que a correnteza proporciona novas águas, não exclui e permite a possibilidade do desenvolvimento do conhecimento, ao contrário da modificação feita por Crátilo, que inviabiliza o conhecimento de qualquer coisa. Ao se destacar o “tudo flui” de Heráclito e Crátilo corre-se o risco de esquecer a importância decisiva do logos enquanto ordenador de toda transitoriedade presente na realidade. Desta forma, alguém que ao tentar explicar o pensamento de Heráclito, afirme que pode entrar embaixo de uma calha despejando água de chuva e não se molhar e ao fazê-lo de fato, saindo todo molhado e sendo questionado pelos que observavam a façanha que de fato se molhou apesar de dizer que ficaria seco, ao argumentar que de fato não se molhou, pois o homem que era quando disse aquilo mudou, da mesma forma que a água que caía também não é mais a mesma, este aparente rompante de sabedoria molhada em verdade demonstra total incompreensão da filosofia de Heráclito, pois, ressalta a mudança constante quando em verdade o ponto central nesta filosofia é a unidade do todo proporcionada pelo logos, a qual permite que apesar de toda a mudança e movimento sempre constante, o rio e a água da calha continuem sendo a mesma, da mesma forma que o homem molhado que equivocadamente acreditou compreender a Heráclito.

Outro filósofo, Pitágoras de Samos, acreditou na existência de uma alma imortal que após a morte do corpo iria habitar outros corpos, incluso de outros animais além do ser humano. Podemos falar em transmigração, reencarnação e metempsicose da alma. Seu nome está associado a ritos e cultos religiosos que a semelhança dos cultos órficos, também era formada por uma sociedade fechada e iniciática. Nos grupos pitagóricos os bens de seus integrantes eram considerados comuns entre os amigos que faziam parte dos mesmos. Interessante destacar a importância da Tetraktys, composta pela soma dos quatro primeiros números $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. Ao colocarmos pedras em uma caixa de areia para simbolizar números, na primeira pedra, no 1 temos o ponto de posicionamento, na segunda pedra, no 2 temos a extensão, na terceira pedra, no 3 temos a mais simples figura plana, o triângulo, na quarta pedra, no 4 temos a mais simples figura sólida, a pirâmide, bastando para isto suspender a quarta pedra em relação as três primeiras que estão formando um triângulo na caixa de areia. Deste modo, um triângulo formado por dez (1, 2, 3, 4) pedras engloba todas as dimensões do espaço. De um a quatro temos na ordem: o ponto, a linha, a superfície e o volume.

Em Pitágoras cabe destacar o termo *cosmos*, fazendo em si referência à ordem, perfeição e beleza, trata-se de uma total interação das partes componentes com o todo. O *cosmos* é a antítese do caos e a maior prova da existência de algo a semelhança de um grande arquiteto do universo. Todas as coisas no mundo são em essência compostos por números e relações matemáticas.

Por sua vez, Parmênides de Elea afirma em seu poema que o Ser é (existe) e o não Ser não é. Se algo existe, não pode chegar a ser ou perecer, mudar ou mover-se, nem estar submetido a qualquer imperfeição. O Ser é uno, eterno, não gerado, imutável, indivisível, indestrutível e imóvel. O que acreditamos existir neste nosso mundo sensível não passa de uma ilusão e ocupa o caminho da *doxa* (opinião). Parmênides iguala o Ser ao pensar. Alguns estudiosos associam o nome de Parmênides e seu pensamento filosófico ao surgimento da ontologia e a formulação do princípio de identidade e do princípio de não contradição. Numa tentativa de resolver o impasse formado pelo confronto do pensamento filosófico de Parmênides com Heráclito, Platão formulou sua teoria do mundo das idéias em oposição ao mundo dos sentidos, onde teríamos cópias imperfeitas do primeiro e Aristóteles formulou as idéias de ato e potência, bem como, de matéria e forma. O poema de Parmênides pode ser dividido em três partes, na primeira parte temos o preâmbulo onde a deusa recebe Parmênides e lhe fala sobre o que irá lhe revelar, na segunda parte temos um texto filosófico propriamente dito, na terceira parte aborda-se a *doxa* (opinião), caminho do não Ser. Pode-se afirmar existem dois caminhos presentes na filosofia do poema de Parmênides: o caminho da verdade, do Ser (o Ser é) e o caminho da opinião (*doxa*), do não Ser (o Ser não é); alguns estudiosos falam em um terceiro caminho, mescla de ambos, mas entendo não ser uma leitura válida do poema.

Numa leitura superficial e não atenta as nuances do pensamento de ambos filósofos, Parmênides pode ser entendido como o perfeito oposto de Heráclito, enquanto o primeiro reforçaria a constância e imobilidade do Ser, o segundo afirmaria a mudança e movimento de todas as coisas, no entanto, a ênfase maior de Heráclito deve ser dada ao *logos* que proporciona unidade a todos os opostos e uma fórmula ou plano unificador, o *logos* proporciona uma unidade do todo que permite que mesmo sofrendo incessante mudança e movimento as coisas continuem sendo as mesmas. Há, portando, muito mais em comum entre Parmênides e Heráclito do que uma leitura superficial possa aparentar e pode-se ampliar mais o entendimento de ambos do que meramente aderir à tradição que vê a Parmênides como o filósofo do Ser e a Heráclito como o filósofo do vir-a-ser, do *devenir*.

Discípulo de Parmênides, Zenão de Elea afirma que a existência do movimento e da pluralidade gera dificuldades e paradoxos. Aristóteles discute em sua obra filosófica quatro paradoxos de Zenão (o argumento da dicotomia, impossibilidade do movimento, pois algo em movimento tem de alcançar infinitamente o meio antes do fim sucessivamente; o argumento de Aquiles correndo contra a tartaruga, no qual quando o primeiro chega no ponto onde a tartaruga se encontrava esta já está um pouco mais à frente e assim sucessivamente ao infinito; o argumento da flexa, a qual estaria parada sempre a cada instante de tempo; o argumento do estádio, onde três blocos de elementos encontram-se alinhados em um estádio, o bloco AAAA está parado, o bloco BBBB está em movimento da direita para a esquerda passando por A, o bloco CCCC está em movimento da esquerda para a direita passando por A na mesma velocidade que B, B e C ultrapassam o primeiro e o último A simultaneamente, no entanto, quando todos os B e C tiverem passado uns pelos outros ainda faltara dois A serem ultrapassados, de modo que o tempo será diferente, a metade do tempo será igual ao seu dobro).

Apesar de todas as tentativas, desde Aristóteles, de refutação dos paradoxos de Zenão, os mesmos se mostram instigantes ainda hoje e levantando novas questões a par com o aumento de nossa tecnologia, afinal, um filme do cinema é composto de várias fotografias, slides imóveis e

sem movimento algum que criam a ilusão do movimento quando passados rapidamente, o mesmo ocorrendo com os desenhos animados, os quais não passam de desenhos imóveis que nos proporcionam a ilusão do movimento pela rapidez com que um desenho segue ao outro em exposição. A física moderna, seja com a teoria da relatividade de Einstein, ou a física quântica, nos propõe questões novas que tornam a direcionar nossa atenção aos paradoxos de Zenão. Modernamente (1935, Schrödinger; 1977, Misra e Sudarshan) em mecânica quântica se fala no paradoxo Zenão quântico, onde um sistema físico instável, se ampla e freqüentemente monitorado, se torna imóvel ao observador.

Pelos paradoxos discutidos por Aristóteles, Zenão nega o movimento tornando o mesmo algo absurdo ao conhecimento racional. Em seus escritos Zenão se propõe a realizar uma defesa do pensamento de Parmênides sobre a existência de um Ser uno, pois, assim não sendo e havendo a pluralidade de entes e o movimento, temos conseqüências absurdas decorrentes de uma análise mais aprofundada. Cabe a este a originalidade da formulação de um método de refutação das teses adversárias por redução das mesmas ao absurdo.

Empédocles de Acragas afirma serem quatro os elementos materiais, a saber: terra, ar, fogo e água. A estes quatro elementos soma-se o amor e a discórdia (ódio), o primeiro para unir o todo e o segundo para desunir e desagregar. Com a reunião de todas as coisas forma-se o uno, destruindo a pluralidade, quando se separam surge à pluralidade e perece o uno. Se bem que pautada em relatos fantásticos, podemos vislumbrar neste pensador uma antecipação de uma teoria de seleção natural, antevendo o livro “*A origem das espécies*” (1859) de Charles Darwin.

Filolau de Crotona é um dos principais expoentes do pitagorismo no século V a.C. e os números representam, também, um papel central em seu pensamento. O número é elevado à categoria de princípio material das coisas, pois, sem os mesmos não é possível conhecer ou pensar coisa alguma. Tanto a natureza como tudo no mundo, inclusive ele próprio, origina-se de modo harmônico a partir de ilimitados (números pares: ilimitado, indeterminado, divisível) e limitadores (números ímpares: limitado, determinado, indivisível). O um é a soma das características dos pares e dos ímpares; a unidade é a fonte, a origem e a totalidade de todos os números e de todas as coisas visíveis e invisíveis. O universo é estruturado por meio de variações numéricas.

O conhecimento que temos hoje de Filolau se confunde com o de Pitágoras e o pitagorismo como um todo, uma vez que se tratava de sociedade secreta que preservava seus conhecimentos e estudos unicamente para seus integrantes e por meio de transmissão oral e não escrita. Segundo a tradição, após a dissolução da escola em Crotona, formada por cerca de 300 jovens e também da descoberta dos números irracionais (raiz de 2) presentes a partir da diagonal do triângulo e descobertos por meio do teorema de Pitágoras, coube a Filolau escrever um livro contendo os conhecimentos da escola pitagórica, do qual Platão teria comprado um exemplar e seria por intermédio do conteúdo deste livro escrito por Filolau que Platão e Aristóteles teriam tomado ciência dos conhecimentos da escola pitagórica.

Por meio dos números se expressa e constitui toda a harmonia do universo presente nos elementos da natureza e em tudo que observamos na terra e nos céus, incluso virtudes humanas, sendo o número em resumo a essência de todo ente existente. Da união dos opostos temos como resultado a harmonia (Lista dos 10 opostos dos pitagóricos, citados por Aristóteles em *Metafísica*: limitado e ilimitado; par e ímpar; unidade e pluralidade; direita e esquerda; masculino e feminino; repouso e movimento; reto e curvo; iluminado e escuro; bom e mau; quadrado e oblongo).

Já para o filósofo Anaxágoras de Clazomene, a realidade é composta por uma pluralidade de elementos (homeomerias: esperma ou semente que dá origem a tudo que nos cerca e que existe em toda a sua pluralidade de formas e apresentações. O termo homeomeria não pertence a Anaxágoras, sendo dado por Aristóteles), constando de um número infinito de coisas. Estes

elementos se compõem tanto dos opostos, como dos quatro elementos de Empédocles e também de todas as substâncias existentes, deste modo, em tudo há participação de todas as coisas.

Haver um número infinito de elementos em uma mistura da qual todos participam, mas em quantidades diferentes, permite evitar a contradição oriunda de uma comparação com o pensamento de Parmênides, quando este deixa claro que do não Ser não pode-se originar o Ser, para Anaxágoras esta dificuldade é evitada na medida em que em tudo há a participação de todos os elementos. Com a única exceção do Nous, que não se mescla com qualquer outro elemento, em tudo há uma parte de tudo. O Nous se diferencia do Logos em Heráclito, pois, o Nous independe das coisas, enquanto por sua vez o Logos é imanente ao devir de todas as coisas.

Cabe a originalidade de Anaxágoras explicar o conhecimento e percepção das coisas por meio dos contrários e não do semelhante, como anteriormente argumentara Empédocles. Segundo Anaxágoras, percebemos o frio pelo calor contido em nosso corpo e toda sensação implica um tipo de dor, pois, trata-se do encontro de coisas que são dessemelhantes.

Há um dualismo entre mente e matéria. A inteligência (Nous) é a ordenadora de tudo. Não há nascimento (criação) ou morte (destruição) e sim composição e decomposição da mistura dos elementos proporcionando a transformação de todas as coisas. Para Anaxágoras o Nous significa inteligência e também força motriz, primeiro motor, ação racional, faculdade de pensar; trata-se de uma substância material, logo, estamos diante do conceito materialista, apenas ocorre ser o Nous formado por substância mais fina e sutil que as demais. O Nous, separado de tudo e não envolvido na mistura dos elementos, autônomo e infinito, representa a introdução de um princípio inteligente como causa da ordem reinante. O Nous move e ordena tudo no universo.

Arquelau de Atenas por sua vez, adota algumas das idéias de seus predecessores, priorizando as idéias de Anaxágoras, com algumas revisões e modificações. Pensador obscuro e do qual pouco se sabe ao certo, mas baseando-se na tradição pode-se ver sua importância histórica e filosófica pelo momento no qual está inserido. Alguns estudiosos entendem ser o mesmo natural de Atenas, o que o colocaria na condição de primeiro filósofo originário desta cidade (lembrando, no entanto, que Anaxágoras exerceu sua atividade filosófica em Atenas, devendo ser considerado o primeiro filósofo desta cidade), além de também haver o entendimento por parte de alguns estudiosos que Arquelau seria discípulo de Anaxágoras e mestre de Sócrates. No entanto, cabe dúvida deste e de todos os dados históricos concernentes a este filósofo, incluso sua própria existência. Se realmente foi mestre de Sócrates, pouca importância deve ter tido sobre o pensamento deste último, pois, não há alusão ao mesmo nos textos de Xenofonte, Platão ou Aristóteles. O que conhecemos deste filósofo provém basicamente dos escritos de Diógenes Laércio e Teofrasto.

Continuando, temos que o filósofo Melisso de Samos afirma que há um ser único a semelhança do proposto por Parmênides. A semelhança de Zenão, argumentou tomando por base as idéias de Parmênides, as quais defendeu, se bem que com algumas mudanças. Troca à idéia de Parmênides de um Ser finito e esférico pela idéia de um Ser infinito e sem forma definida. O Ser é descrito como sendo eterno, infinito no espaço e no tempo, imutável, sempre idêntico a si-mesmo, sem forma definida, sem delimitações, uno (não composto por partes), portanto, no Ser temos presente à unidade, a completude e a imobilidade. Tanto Parmênides como também Melisso falam no transcorrer de seu pensamento filosófico nas idéias de Ser e não Ser, no entanto, há uma diferença entre ambos que cabe aqui destacar, pois, na idéia de não Ser temos em Parmênides por intermédio do discurso da deusa uma contradição de base ontológica, já em Melisso a idéia de não Ser nos direciona para o nulo, o zero, a ausência, estando diante de uma noção lógica e não ontológica. Cabe também destaque que o Ser descrito por Parmênides se encaixa na concepção grega de perfeição, o mesmo não ocorrendo com o de Melisso, pois, a

finitude, limitação, determinação e a esfericidade do Ser de Parmênides se associam à idéia de perfeição grega. Melisso acaba criando uma cisão maior entre o Ser proposto pela razão e a pluralidade de seres trazida pelos sentidos, propiciando o surgimento de doutrinas pautadas no ceticismo.

Importante cabe também destacar aos assim chamados atomistas, Leucipo de Mileto e Demócrito de Abdera, os quais apresentaram a sua época a teoria dos átomos (“atomon” = indivisível). Os elementos são entendidos como sendo o cheio e o vazio, ou, o Ser e o não Ser, sendo este último tomado no sentido de Melisso (em referência ao vazio, ao nulo, ao zero, e a ausência) e não de total contradição ontológica como presente em Parmênides. Lembremos que o não Ser em Parmênides é impensável e indizível, pois, se direcionarmos nosso discurso para o não Ser, esbarramos em uma contradição que nos direciona a algo (o mesmo é pensar e Ser), e este algo é o Ser. O vazio é visto não como uma entidade e sim como a negação de algo, a semelhança, na teoria dos conjuntos, de um conjunto vazio. Todas as coisas são produzidas a partir das diferenças existentes entre os átomos, sendo três as diferenças existentes, a saber: forma, ordem e posição. Se tomarmos os escritos de Aristóteles como base de explicação, podemos usar de letras para entender tais diferenças entre os átomos, deste modo, temos: a forma “A e N”; a ordem “AN e NA”; e a posição “N e Z”.

O movimento dos átomos, que ocorre no vazio ou vácuo (daí a importância do vazio para explicar o movimento), se dá por meio de choques entre os mesmos, por meio de tais colisões também se juntam, formando novos compostos, mas mantendo sua figura e individualidade. Segundo a teoria atomista existiriam inúmeras e minúsculas partículas sólidas indivisíveis, os átomos, e pela constante organização e re-organização dos mesmos em formas diferentes temos as transformações que observamos no mundo. Os átomos são eternos e indestrutíveis, havendo deste modo já o início da idéia de um princípio de conservação da matéria. O nascimento (criação) e a morte (destruição) são explicados pela união e desagregação dos átomos, os quais são tão pequenos que não são visíveis, e também são imutáveis.

Por último, temos que o filósofo Diógenes de Apolonia apresenta um caráter eclético em sua filosofia e propõe que é do ar (por condensação e rarefação) que procedem todas as coisas, sendo, portanto, o ar seu princípio material. O ar também passa a ser visto como um princípio dinâmico (nele presente à transformação e o movimento) e inteligente, de onde o próprio pensamento se origina. Ao formular um único princípio para a geração de tudo, sendo este o ar, navega nas águas do monismo e afirma a unidade presente em um princípio gerador do todo. Ao proporcionar inteligência ao ar enquanto princípio material do qual procedem todas as coisas, se aproxima do conceito de Nous contido na filosofia de Anaxágoras, ao mesmo tempo em que se aproxima de Anaxímenes e da escola jônica em geral ao apresentar um monismo decorrente da escolha de um único elemento primordial, o ar. O raciocínio por traz da escolha de um único elemento, monismo, provém da idéia de que coisas totalmente diferentes não podem interagir entre si.

No transcorrer deste artigo discorreremos sobre a filosofia destacando criticamente pontos fortes de alguns filósofos, em particular, demos destaque a: Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Xenófanes de Colofón, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Parmênides de Elea, Zenão de Elea, Empédocles de Acragas, Filolau de Crotona, Anaxágoras de Clazomene, Arquelau de Atenas, Melisso de Samos, Leucipo de Mileto, Demócrito de Abdera e Diógenes de Apolonia. O estudo destes filósofos hoje é feito basicamente por meio de fragmentos remanescentes de suas obras originais e pela doxografia existente. Entendemos que as cosmogonias religiosas e populares podem ser vistas como precursoras da filosofia a partir da elaboração do pensamento dos assim chamados filósofos pré-socráticos e seu interesse pelo que podemos chamar de filosofia física.

A classificação como filósofos pré-socráticos não abarca meramente um período cronológico anterior ao filósofo Sócrates no V século a.C. e sim, também, o interesse primário destes filósofos, não por um estudo prioritário do ser-humano enquanto objeto problemático de estudo, e sim, de um interesse intenso na formação do mundo e do universo, uma tendência cosmológica que busca a explicação da totalidade do mundo exterior, deixando em segundo plano a discussão da problemática humana. A estes filósofos cabe terem rompido com a explicação mítica de origem religiosa e popular do mundo e da Natureza então reinante, buscando uma explicação racional para o mundo circundante, de modo a serem também conhecidos como filósofos da Natureza ou físicos (no sentido de “physis”). Estes filósofos continuam atuais e suas idéias têm estado presente em importantes nomes da filosofia contemporânea, como, dentre outros, Hegel, Nietzsche e Heidegger. Talvez devamos refletir filosoficamente mais sobre a origem, nossa própria origem dentro deste amplo Cosmos de possibilidades.

Pergunta: Como você entende a importância e aplicação educacional das idéias filosóficas dos assim chamados filósofos pré-socráticos na composição e formação do pensamento contemporâneo?

Prof. Dr. Silvério da Costa Oliveira.
Escritor, Filósofo, Psicólogo.
Doutor (UERJ) e Mestre (UFRJ/FGV) em Psicologia; Professor universitário.
Brasil (55) – Rio de Janeiro (21) – RJ
Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8416787875430721>
Home page: www.doutorsilverio.com
Blog “Comportamento Crítico”: www.doutorsilverio42.blogspot.com
Blog “Ser Escritor”: www.doutorsilverio.blogspot.com
E-mail: doutorsilveriooliveira@gmail.com

(Respeite os Direitos Autorais – Respeite a autoria do texto – Todo autor tem o direito de ter seu nome citado junto aos textos de sua autoria)